

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Padre Antônio Vieira
Sermão dos Bons Anos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Padre Antônio Vieira

Sermão dos Bons Anos

**Antônio Vieira
(1608 – 1697)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 739



Poeteiro Editor Digital
PROJETO LIVRO LIVRE
São Paulo - 2016
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do Padre Antônio Vieira: “*Sermão dos Bons Anos*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

SERMÃO DOS BONS ANOS

PREGADO EM LISBOA, NA CAPELA REAL, NO ANO DE 1642



Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur.

– Luc. II.

CAPÍTULO 1

Em um Mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons-anos, dificultoso empenho! Deus, que é autor de todos os bens, os dê a Vossas Reais Majestades felicíssimos (mui altos e mui poderosos Reis e Senhores nossos) com a vida, com a prosperidade, com a conservação e aumento de estados que as esperanças do Mundo publicam, que o bem da Fé Católica deseja, que a Monarquia de Portugal há mister e que eu hoje quisera prometer e ainda assegurar.

Em um Mundo, digo, tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom-dia, ter obrigação de dar bons-anos, dificultoso empenho! E na minha opinião cresce ainda mais esta dificuldade, porque isto de dar bons-anos, entendo-o de diferente maneira do que comumente se pratica no Mundo. Os bons-anos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura. A quantos se desejaram nesta vida, a quantos se deram os bons-anos, que os não lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, própria e rigorosamente falando, que não dá os bons-anos quem só os deseja, senão quem os faz seguros. Esta é a dificuldade a que me vejo empenhado hoje, que o tempo e o Evangelho fazem ainda maior. Em todo o tempo é dificultoso cousa segurar anos felizes; mas muito mais em tempo de guerras e em tempo de felicidades. Se o dia dos bens é véspera dos males; se para merecer uma desgraça, basta ter sido ditoso, quem fará confiança em glórias presentes, para esperar prosperidades futuras? Se a campanha é uma mesa de jogo onde se ganha e se perde; se as bandeiras vitoriosas mais firmes seguem o vento vário que as meneia, quem se prometerá firmeza na guerra, que derruba muralhas de mármore? E como a guerra e a felicidade são dois acidentes tão vários; como a Fortuna e Marte são dois árbitros do Mundo tão inconstantes, como poderei eu seguramente prometer bons-anos a Portugal, em tempo que o vejo por uma parte com as armas nas mãos, por outra com as mãos cheias de felicidade? Se apelo para o Evangelho, também parece que promete ameaças, mais que esperanças; porque nos aparece nele um cometa abrasado e sanguinolento, *ut circumcideretur puer*, e os cometas desta cor sempre foram fatais aos reinos e formidáveis às monarquias.

Terret fera regna cometes sanguineum spargens ignem – disse lá Sílio. A matéria dos cometas são os vapores, ou exalações da terra subidas ao céu; e como no mistério da Encarnação subiu ao Céu a terra de nossa humanidade, que outra coisa parece Cristo hoje com o sangue da circuncisão, senão um cometa abrasado e sanguinolento, e por isso funesto e temeroso? Ora com isto se representar assim, com o Evangelho e o tempo parecer que nos prometem poucas esperanças de felizes anos, do mesmo tempo e do mesmo Evangelho hei de tirar hoje a prova e segurança deles Será pois a matéria e empresa do sermão esta: Felicidades de Portugal, juízo dos anos que vêm. Digo dos anos, e não do ano, porque quem tem obrigação de dar bons-anos, não satisfaz com um só, senão com muitos. Funda-me o pensamento o mesmo Evangelho, que parece o desfavorecia; porque toda a matéria e sentido dele é um prognóstico de felicidades futuras.

Toda a matéria do brevíssimo Evangelho que hoje canta a Igreja vem a ser a circuncisão de Cristo e o nome santíssimo de Jesus. E destes dois grandes mistérios se compôs uma constelação benigníssima, que tomada no horizonte oriental de Cristo, foi figura de todo o bem e remédio do Mundo, que o Senhor havia de obrar em seus maiores anos. S. Cirilo: *Vocatum est nomen ejus! esus, quod interp, etatur Salvator; editus enim fuit ad tolius mundi salutem, quam sua circumcissione praefiguravit.* Grande palavra! De sorte que circuncidar-se Cristo e chamar-se Jesus no dia de hoje, foi levantar figura – *praefiguravit* – aos sucessos dos anos seguintes, à salvação e felicidades futuras de todo o gênero humano: *Totius mundi, salutem, quum sua circumcissione praefiguravit.* Nem desfaz esta verdade a representação do sanguinolento, com que parece nos atemorizava Cristo nos efeitos da circuncisão; porque aquele belo infante não é cometa, é planeta; não é terra subida ao céu, é céu descido à terra. E o céu, quando se põe de vermelho, que prognostica? – O mesmo Cristo o disse, que não é menos que sua esta matemática: *Serenum erit, rubicundum est enim caelum.* Quando o céu se veste de vermelho, prognostica serenidade. Sempre a serenidade foi título natural das púrpuras. E como aquele Céu animado, como aquele Rei celestial se veste da púrpura de seu sangue, serenidades e felicidades grandes nos prognostica que nas ações do tempo e nas palavras do Evangelho iremos percorrendo por partes.

CAPÍTULO 2

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab ungelu, priusquam in utero conciperetur.

Comecemos por estas últimas palavras.

Diz S. Lucas que, passados os oito dias, termo da circuncisão, lhe puseram a Cristo por nome Jesus; e nota, antes manda notar o Evangelista, que este nome foi anunciado pelo Anjo, antes que o Senhor fosse concebido: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur*. Dá razão desta advertência a glossa interlineal, e diz que foi: *Ne homo videretur machinator hujus nominis*: “Para que não parecesse este glorioso nome maquinado por invento de homens”, senão mandado, como era, pela verdade de Deus. Entrou Cristo no Mundo a reduzi-lo com nome de Salvador e Libertador, que isso quer dizer Jesus; pois para que esta apelidada liberdade não a possa julgar alguém por invenção e obra humana, seja profetizada e revelada primeiro por um ministro da Providência Divina: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur*.

Não quero referir profecias do bem que gozamos, porque as supponho mui pregadas neste lugar e mui sabidas de todos; reparar sim, e ponderar o intento delas quisera. Digo que ordenou Deus que fosse a liberdade de Portugal, como os venturosos sucessos dela, tanto tempo antes e por tão repetidos oráculos profetizada, para que, quando víssemos estas maravilhas humanas, entendêssemos que eram disposições e obras divinas, e para que nos alumiasse e confirmasse a fé onde a mesma admiração nos embaraçasse. (Falo de fé menos rigorosa, quanta cabe em matérias não definidas, posto que de grande certeza.) Alega Cristo um texto do Salmo XL, em que descreve David o meio extraordinário por onde os procedimentos injustos de um mau homem dariam princípio à redenção de todos, como seria traído o Redentor, como o pretenderiam derrubar por engano do seu estado; e intimando o Senhor o caso aos discípulos, disse estas particulares palavras: – *Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit credatis quia ego sum*: “Eu sou este de quem aqui fala David (que assim explicam o lugar Santo Agostinho, Ruperto, Teofilato e outros); e digo-vos isto antes que aconteça, para que depois de acontecer o creiais.”

Notável teologia, por certo! Se o Senhor dissera Digo-vos estas cousas para que creiais, antes que aconteçam, facilmente dito estava; isso é fé – crer o que não se vê; mas dizer as causas antes que se façam, a fim de que se creiam depois de feitas: *Ut cum factum fuerit credatis?! O que está feito, o que se vê, o que se apalpa necessita de fé?! – Algumas vezes sim; porque sucedem casos no Mundo, como este de que Cristo falava, tão novos e inauditos; sucedem cousas tão raras, tão prodigiosas e por meios de proporção tão desigual e muitas vezes tão contrários ao mesmo fim, que, ainda depois de vistas com os olhos, ainda depois de experimentadas com as mãos, não basta a evidência dos sentidos para as não duvidar, é necessário recorrer aos motivos da fé para lhes dar crédito: *Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit, credatis*. Tais considero eu os sucessos nunca imaginados de nosso Portugal, que, como excessivamente nos acreditam, assim excedem todo o crédito.*

Quis Deus que fossem tantos anos antes e tão vulgarmente profetizados estes sucessos, não tanto para os esperarmos futuros, quanto para os crermos presentes; não para nos alentarem a esperança antes de sucederem, mas para nos confirmarem a fé depois de sucedidos. Haviam de suceder as cousas de Portugal, como sucederam, de tão prodigiosa maneira, que, ainda depois de vistas, parece que as duvidamos; ainda depois de experimentadas, quase as não acabamos de crer: pois profetize-se esta venturosa liberdade e ainda o nome felicíssimo do libertador, muito tempo antes – *priusquam in utero conciperetur* –, para que entre as dúvidas dos sentidos, entre os assombros da admiração, peçam os olhos socorro à fé e creiam o que vêem por profetizado, quando o não creiam por visto.

Por duas razões se persuadem mal os homens a crer algumas cousas: ou por muito dificultosas, ou por muito desejadas; o desejo e a dificuldade fazem as cousas pouco críveis. Era Sara de idade de noventa anos, sobre estéril; promete-lhe um anjo que Deus lhe daria fruto de bênção; e diz a Escritura que se riu e zombou muito disso Sara; e ainda depois de ter um filho chamou-lhe Isac, que quer dizer riso: *Risum fecit mihi Deus*. Estava S. Pedro em poder de el-rei Herodes preso e com apertada guarda; apareceu-lhe outro anjo, que lhe quebrou as cadeias e o livrou; e diz o texto sagrado: *Existimabat autem se visum videre*: que “cuidava Pedro que aquilo era sonho e ilusão”. Pois Pedro, pois Sara, que incredulidade é esta? Vê-se Sara com um filho nos braços, e chama-lhe riso?! Vê-se Pedro com as cadeias fora das mãos, e chama-lhe sonho?! – Assim havia de ser, porque ambas eram cousas muito dificultosas e ambas muito desejadas. Desejava Sara um filho, como a sucessão de sua casa; desejava Pedro a liberdade, como a mesma liberdade bem da Igreja. A sucessão de Sara estava em poder de noventa anos; a liberdade de Pedro estava em poder de Herodes e de seus soldados; e como a dificuldade era tão grande e o desejo igual à dificuldade, ainda que viam com seus olhos e tinham nas mãos o que desejavam, a Sara, parecia-lhe cousa de riso, a Pedro parecia-lhe cousa de sonho. Que Sara estéril haja de ter filho! Que a prosápia real portuguesa esterilizada e atenuada na décima sexta geração, haja de ter descendente que lhe suceda! Que Sara, depois de noventa anos, que a coroa de Portugal, depois de sessenta, o que não teve quando estava na flor de sua idade, o que não teve quando estava com todas as suas forças o viesse alcançar depois de tão envelhecida e quebrantada! Muito desejávamos, muito suspirávamos por este bem, mas quanto maior era o desejo, tanto mais parecia, e quase parece ainda cousa de riso: *Risum fecit mihi Deus*. Que Pedro em poder de el-rei Herodes; que Portugal em poder não de um senão de muitos reis que o dominavam, lhes houvesse de escapar das mãos tão facilmente! Que Pedro cercado de guardas – *Quator quaternionibus militum*; que Portugal, presidiado de infantaria em tantos castelos, em tantas fortalezas, sem se arrancar uma espada, sem se disparar um arcabuz; conseguisse em uma hora sua liberdade! Era empresa esta tão dificultosa, representava-se tão impossível ao discurso humano, que ainda

agora parece que é sonho e ilusão: *Existimabat se visum videre*. Assim lhes aconteceu aos filhos de Israel, quando se viram livres do cativeiro de Babilônia: In convertendo *Dominus captivitatem Sion facti sumus* (lê o hebreu) *sicut somniantes*: que incrédulos, de admirados, “tinham a verdade por imaginação e cuidavam que estavam sonhando o que viam com os olhos abertos.” E como os sucessos de nossa restauração eram matérias de tão dificultoso crédito, que, ainda depois de vistos, parecem sonho e quase se não acabam de crer, ordenou Deus que fossem tanto tempo antes, como tão singulares circunstâncias e com o nome do mesmo libertador profetizadas, para que a certeza das profecias desfizesse os escrúpulos da experiência; para que, sendo objeto da fé, não parecesse ilusão dos sentidos; para que, revelando-as tantos ministros de Deus, se visse que não eram inventos dos homens: *Ne homo videretur machinator hujus nominis, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur*.

CAPÍTULO 3

Temos considerado o *priusquam*, vamos agora ao *postquam*: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer*. O que aqui pondera e sente muito a piedade dos santos, principalmente S. Bernardo, é que, nascido de oito dias, sujeitasse o Senhor aquele corpozinho tenro ao duro golpe da circuncisão. Tão depressa?! Aos oito dias já derramando sangue?! Desta pressa se espantam os Doutores; mas eu não me espanto senão deste vagar. Que venha Cristo a remir – e que espere dias?! E que espere horas?! E que espere instantes?! Quem cuida que é pouco tempo oito dias, mal sabe o que é esperar pela Redenção.

Quando Cristo se encontrou com os discípulos de Emaús, iam eles contando a história de seu Mestre e a causa que os levava peregrinos por esse Mundo, e disseram estas notáveis palavras: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel; et nunc super haec omnia tertia dies est hodie*: “Nós esperávamos que este nosso Mestre havia de remir o povo de Israel; e no cabo de tudo isto, vemos agora que já se vão passando três dias.” Três dias?! Pois que muito é isso? Que espaço de tempo são três dias para uns homens desmaiarem? Para uns homens se entristecerem? Para uns homens se desesperarem tanto? – Não se desesperavam, porque eram três dias, senão porque eram três dias de esperar pela Redenção. Esperavam aqueles discípulos que o Senhor havia de remir a Israel: *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel*. E para quem está cativo, para quem espera pela Redenção, três dias é muito tempo: *Et nunc super haec omnia*: como se foram passadas três eternidades: *Tertia dies est hodie*: Já se vão passando três dias; é muito tempo para quem espera pela Redenção, quanto mais tempo seriam os oito dias que se dilatou a circuncisão de Cristo, pois esperava o Mundo neles, que comesse o Senhor a derramar o sangue e dar o preço com que o remiu!

Não há dúvida que foi muito cedo para a dor, mas não foi muito cedo para o remédio; foram poucos dias para quem vivia, mas muitos para quem esperava. Bem o entendeu assim o Evangelista; porque, havendo de contar estes oito dias, veja-se o aparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt*: “depois que foram consumados”; parece que armava a dizer oito séculos, ou oito mil anos, segundo a grandeza vagarosa e a ponderação das palavras; e no cabo disse: *dies octo* – oito dias, que, como eram dias de esperar Redenção, ainda que não foram mais que oito, pareciam uma duração muito comprida, e que não acabavam de chegar, segundo tardavam: *Postquam consummati sunt*.

E se oito dias de esperar pela redenção, e ainda três dias, é tanto tempo; quanto seria, ou quanto pareceria, não três dias, nem oito dias, não três anos, nem oito anos, senão sessenta anos inteiros nos quais Portugal esteve esperando sua redenção, debaixo de um cativo tão duro e tão injusto! Não me paro a o ponderar; porque em dia tão de festa, não dizem bem memórias de tristezas, ainda que os males passados, parte vêm a ser de alegria. O que digo é que nos devemos alegrar com todo o coração e dar imortais graças a Deus, pois vemos tão felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos pese de ter esperado tão longamente; porque se há de recompensar a dilação da esperança com a perpetuidade da posse. Perguntam os Teólogos como São Tomás na terceira parte, porque se dilatou tanto tempo o mistério da Encarnação, porque não desceu o Verbo Eterno a remir o Mundo, senão depois de tantos anos? Várias razões dão os Doutores: a de Santo Agostinho é muito própria do que queremos dizer: *Diu fuit expectandus, semper tenendus*: Quis o Verbo Eterno que esperassem os homens e suspirassem tantos séculos por sua vinda, porque era bem que fosse muito tempo esperado um bem que havia de ser sempre possuído. Haviam os homens de gozar para sempre a presença de Cristo, havia o Verbo de ser homem perpetuamente: porque – *Quod semel assumpsit nunquam demisit* – o que uma vez tomou, nunca mais o largou; seja pois este bem por muito tempo esperado, pois há de ser por todo o tempo possuído, e mereça com as dilações da esperança a perpetuidade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus*.

Não necessita de acomodação o lugar; de firmeza sim, pelas dependências que tem no futuro; mas um espírito profético e português nos fiará a conjectura desta tão gostosa verdade. S. Frei Gil, religioso da sagrada ordem de S. Domingos, naquelas suas tão celebradas profecias, diz desta maneira: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet*: “A Lusitânia o reino de Portugal, morrendo seu último rei sem filho herdeiro, gemerá e suspirará por muito tempo.” *Sed propitius tibi Deus*: “Mas lembrar-se-á Deus de vós, ó Pátria minha” – diz o Santo; *Et insperate ab insperato redimeris*: “e sereis remida não esperadamente por um rei não esperado”. E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe sucederá? – *Africa debellabitur*: Será vencida e

conquistada África. *Imperium ottomanum ruet*: O império otomano cairá sujeito e rendido a seus pés. *Domus Dei recuperabitur*: A casa santa de Jerusalém será finalmente recuperada. E por coroa de tão gloriosas vitórias, *Aetas aurea reviviscet*: “Ressuscitará a idade dourada.” *Pax ubique erit*: “Haverá paz universal no Mundo.” *Felices qui viderint*: “Ditosos e bem-aventurados os que isto virem!”

Até aqui S. Frei Gil profetizando. De sorte que, assim como antes da Redenção houve suspirar e gemer, assim depois da Redenção haverá possuir e gozar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos anos, assim as felicidades e bens permanecerão sem termo e sem limite. O muito, quer Deus que não custe pouco, e era justo que a tanta glória precedesse tanta esperança, e que quem havia de gozar sempre, suspirasse muito: *Lusitania diu ingemiscet. Diu fuit expectandus, semper tenendus*.

E já que vai de esperanças, não deixemos passar sem ponderação aquelas palavras misteriosas da profecia: *Inspere ab insperato redimeris*. De propósito reparei nelas, para refutar com suas próprias armas alguma relíquia, que dizem que ainda há daquela seita ou desesperação dos que esperavam por el-rei D. Sebastião, de gloriosa e lamentável memória. Diz a profecia: *Inspere ab insperato redimeris*: “Que seria remido Portugal não esperadamente por um rei não esperado.” Segue-se logo, evidentemente, que não podia el-rei D. Sebastião ser o libertador de Portugal, porque o libertador prometido havia de ser um rei não esperado: *Inspere ab insperato*; e el-rei D. Sebastião era tão esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mesmos sequazes desta Opinião, com seu esperar, destruíram sua esperança; porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavam mais que não era ele o prometido; podendo-se-lhe aplicar propriamente aquelas palavras que S. Paulo disse de Abraão: *Contra spem in spem credidit*; que “creram em uma esperança contrária à sua mesma esperança”; porque pelo mesmo que esperavam, tinham obrigação de não esperar.

CAPÍTULO 4

Mas ainda que concedamos que os Portugueses não souberam esperar, não lhes neguemos que souberam amar, e com muita ventura; que talvez buscando a um rei morto, se vêm a encontrar com um vivo. Morto buscava a Madalena a Cristo na sepultura, e a perseverança e amor com que insistiu em o buscar morto, foi causa de que o Senhor lhe enxugasse as lágrimas e se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre mãos! Assim como a Madalena, cega de amor, chorava às portas da sepultura de Cristo, assim Portugal, sempre amante de seus reis, insistia ao sepulcro de el-rei D. Sebastião, chorando e suspirando por ele; e assim como a Madalena no mesmo tempo tinha a Cristo presente e

vivo, e o via com seus olhos e lhe falava e não o conhecia, porque estava encoberto e disfarçado, assim Portugal tinha presente e vivo a el-rei nosso senhor, e o via e lhe falava e não conhecia.

Por quê? – Não só porque estava, senão porque ele era o encoberto. Ser o encoberto e estar presente, bem mostrou Cristo neste passo que não era impossível. E quando se descobriu Cristo? Quando se manifestou este Senhor encoberto? Até esta circunstância não faltou no texto. Disse a Madalena a Cristo: *Tulerunt Dominum meum*: “Levaram-me o meu Senhor”; e o Senhor não lhe deferiu. *Nescio ubi posuerunt eum*: queixou-se que não sabia onde lho puseram; e dissimulou Cristo da mesma maneira. *Si tu sustulisti eum*: “Se vós, Senhor, o levastes, *dicito mihi*, dizei-mo”; e ainda aqui se deixou o Senhor estar encoberto sem se manifestar. Finalmente, alentando-se a Madalena mais do que sua fraqueza permitia, e tirando forças do mesmo amor, acrescentou: – *Et ego eum tollam*: “E eu o levantarei.” E tanto que disse – eu o levantarei: *Ego eum tollam*, então se descobriu o Senhor, mostrando que ele era por quem chorava; e a Madalena o reconheceu e se lançou a seus pés.

Nem mais nem menos Portugal, depois da morte de seu último rei. Buscava-o por esse Mundo, perguntava por ele, não sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia, e o rei vivo e verdadeiro deixava-se estar encoberto e não se manifestava, porque não era ainda chegada a ocasião; porém tanto que o Reino, animoso sobre suas forças, se deliberou a dizer resolutamente: *Ego eum tollam*: eu o levantarei e sustentarei com meus braços, então se descobriu o encoberto Senhor, porque então era chegado o tempo, dizendo-nos aos Portugueses o que diz S. Gregório que disse Cristo à Madalena manifestando-se: *Recognosce eum, a quo recognosceris*: “Reconhecei a quem vos reconhece”; reconhecei por rei, a quem vos reconhece por vassalo. Então sim, e não antes; então sim, e não depois; porque aquele e não outro era o tempo oportuno e determinado de dar princípio à nossa redenção.

Recebeu Cristo o golpe da circuncisão e deu princípio à Redenção do Mundo, não antes nem depois, senão pontualmente aos oito dias: *Dies octo, ut circumcideretur puer*. Pois porque antes, ou porque não depois? Não se circuncidara ao dia sétimo? Não se circuncidara ao dia nono? Porque não antes nem depois, senão ao oitavo? – A razão foi porque as cousas que faz Deus e as que se hão de fazer bem feitas, não se fazem antes, nem depois, senão a seu tempo. O tempo assinalado nas Escrituras para a circuncisão era o dia oitavo, como se lê no Gênesis e no Levítico: *Die octavo circumcideretur infantulus*. E por isso se circuncidou Cristo, sem se antecipar, nem dilatar aos oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo*; porque como o Senhor remiu o gênero humano por obediência aos decretos divinos, o tempo que estava assinalado na lei para a circuncisão era o que estava predestinado para dar princípio à redenção do Mundo. Da mesma maneira se deu princípio à redenção e restauração de

Portugal em tais dias e em tal ano, no celebradíssimo de 40, porque esse era o tempo oportuno e decretado por Deus; e não antes nem depois, como os homens quiseram. Quiseram os homens que fosse antes, quando sucedeu o levantamento de Évora; quiseram os homens que fosse depois, quando assentaram que o dia da aclamação fosse o 1º de Janeiro, hoje faz um ano; mas a Providência Divina ordenou se antecipasse, para que pontualmente se desse princípio à restauração de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo.*

CAPÍTULO 5

Daqui fica tacitamente respondida uma não mal fundada admiração, com que parece podíamos reparar os Portugueses, em que os sereníssimos duques de Bragança vivessem retirados todos estes anos, sem acudir a liberdade do Reino, como legítimos herdeiros que eram dele. Respondido está; declaro mais a resposta: Cristo, Redentor nosso, ainda em quanto homem, como provam muitos Doutores, era legítimo herdeiro da coroa de Israel: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus: et regnabit.* Tinha tiranizado este reino Herodes, homem estrangeiro, a quem por este e por muitos outros títulos não pertencia; e como, sobre ter usurpado o Reino, lhe quisesse tirar a vida a Cristo, diz o texto, que o Senhor se lhe não opôs, antes se retirou para o Egito: *Secessit in Aegyptum.* Notável ação! Não sois vós, Senhor, o verdadeiro Rei de Israel, como legítimo herdeiro seu, que, ainda que não empunhais o cetro, Rei sois e Rei nascestes, e assim o confessam as nações e reis estrangeiros: *Ubi est qui natus est Rex Judiorum?* Pois como vos retirais agora, como vos não apondes à tirania de Herodes, como ides viver ao Egito, e tantos anos? Não vedes o que padecem tantos inocentes? Não ouvis que já chegam ao Céu as vozes da lastimada Raquel, que chora seus filhos: *Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus, Raquel plorans filios suos?* Pois se a vós, como a Rei natural, incumbe a restauração do Reino, como vos retirais da empresa? Nem me aleguem em contrário os poucos dias que tinha o Senhor de vida ou de idade, depois dos oito da circuncisão, porque na mesma circuncisão e na mesma retirada do Egito tinha e lhe sobejava tudo o que era necessário para livrar do cativeiro os que nele tinham a esperança da liberdade. Ou Cristo os havia de remir com o sangue próprio, ou com o alheio: se com o próprio, bastava uma só gota do sangue da circuncisão, para remir não só o reino de Israel, senão todo o Mundo. Se com o sangue alheio o mesmo anjo que disse a S. José: *Fuge in Aegyptum,* podia fazer a Herodes e a todos seus presídios e soldados, o que outro anjo fez aos exércitos de el-rei Senaquerib, matando em uma noite oitenta e cinco mil dos que sitiavam a mesma Jerusalém. Pois se isto era não só possível, mas fácil, ao legítimo e verdadeiro Rei de Israel, porque o não executou então? – Porque não era ainda chegado o tempo, diz excelentemente S. Pedro Crisólogo: *Cedens temporis non Herodi.* Tinha decretado e disposto, que o tempo da Redenção

fosse dali a trinta e três anos' e se a Providência Divina, que tudo pode, espera pelas disposições e circunstâncias do tempo; quanto mais a providência humana, a qual o não seria, se com toda a atenção e vigilância as não observasse, aguardando pelas mais convenientes e oportunas que Deus e o mesmo tempo lhe oferecesse! Assim que, podiam responder aqueles príncipes, como legítimos e naturais senhorios e herdeiros da coroa de seus avós, o que em semelhante caso disseram os famosos Macabeus, assim antes como depois de restituídos ao seu próprio patrimônio:

Neque alienam terram sumpsimus, neque aliena detinemos, sed haereditatem patrum nostrorum, quae injuste ab aliquo tempore ab inimicis nostris possessu est; nos vero tempus habentes vindicamus haereditatem patrum nostrorum.

E foi de tanta importância esperar pela oportunidade do tempo, que por esta dilação se veio a lograr aquela primeira máxima de toda a razão de estado, assim da Providência Divina, como da providência humana, que é saber concordar estes dois extremos: conseguir o intento e evitar o perigo. Já perguntamos que razão teve Cristo para receber a circuncisão ao oitavo dia conforme a Lei. Agora pergunto: que razão teve a Lei para mandar que a circuncisão se fizesse ao oitavo dia? A circuncisão naquele tempo era o remédio do pecado original, como hoje o é o batismo, bem que com diferente perfeição. Pois se na circuncisão consistia o remédio do pecado original, e a liberdade das almas cativas pelo pecado; porque não mandava Deus que se circuncidassem os meninos logo quando nasciam, ou ao terceiro ou ao quarto dia, senão ao oitavo? – A razão literal foi, diz o Abulense, porque quis Deus aplicar o remédio de tal maneira, que se evitasse o perigo: *Quia ante octo dies potest esse vitae periculum*. Quando os meninos nascem, em todos aqueles primeiros sete dias correm grande perigo de vida, porque são dias críticos e arriscados, como dizem Aristóteles e Galeno; pois ainda que o remédio dos recém-nascidos e sua espiritual liberdade consistia na circuncisão, não se circuncidem, diz a Lei, senão ao oitavo dia, passados os sete que essa é a excelente razão de estado da providência de Deus saber dilatar o remédio, para escusar o perigo: dilate-se o remédio da circuncisão até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que há do primeiro ao sétimo: *Quia ante octo dies potest esse vitae periculum*.

Se Portugal se levantara enquanto Castela estava vitoriosa, ou, quando menos, enquanto estava pacífica, segundo o miserável estado em que nos tinham posto, era a empresa mui arriscada. Eram os dias críticos e perigosos; mas como a Providência Divina cuidava tão particularmente de nosso bem, por isso ordenou que se dilatasse nossa restauração tanto tempo, e que se esperasse a ocasião oportuna do ano de quarenta, em que Castela estava tão embaraçada com inimigos, tão apertada com guerras de dentro e de fora; para que, na diversão de suas impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remédio, mas segurou-se o perigo. Quando os Filisteus se quiseram

levantar contra Sansão, aguardaram a que Dalila lhe tivesse presas e atadas as mãos, e então deram sobre ele. Assim o fizeram os Portugueses bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Sansão que os oprimia, e como o tiveram assim embaraçado e preso. Então se levantaram contra ele tão oportuna como venturosamente.

Mas vejo que me dizem os lidos na Escritura, que é verdade que os Filisteus se levantaram contra Sansão, mas que ele soltou as ataduras, voltou sobre eles e desbaratou-os a todos. Primeiramente muito vai de Sansão a Sansão e de Filisteus a Filisteus. Mas dado que em tudo fora a semelhança igual, esta mesma réplica confirma mais o meu intento. Não tiveram bom sucesso os Filisteus, porque ainda que nós os imitamos em parte, eles não nos deram exemplo em tudo. Intentaram, mas não conseguiram; porque as diligências que fizeram não as aplicaram a tempo. As diligências que fizeram os Filisteus contra Sansão, foi atarem-lhe as mãos e cortarem-lhe os cabelos; mas não aproveitaram estes efeitos, ainda que se obraram: porque, devendo-se fazer ao mesmo tempo, fizeram-se em diversos. Quando lhe ataram as mãos, deixaram-lhe ficar os cabelos, com que teve força para se desatar; quando lhe cortaram os cabelos deixaram-lhos crescer outra vez com que teve mãos para se vingar. Pois que remédio tinham os Filisteus para se livrarem de todo e acabarem de uma vez com Sansão? – O remédio era fazerem como nós fizemos e como nós fazemos e como nós havemos de fazer: enquanto Sansão está com as mãos atadas, cortar-lhe os cabelos no mesmo tempo, e acabou-se Sansão. Assim o podiam vencer os Filisteus com muita facilidade, que doutra maneira não seria tão fácil. Porque se lhe não cortassem os cabelos, teria forças para desatar as mãos, e se desatassem as mãos, seria necessária muita força para lhe cortar os cabelos. Tanto como isto importa executar os remédios a tempo, como nós, por mercê de Deus, o temos feito até agora tão felizmente, conseguindo a maior empresa e evitando o menor perigo; porque soubemos esperar pelos dias oportunos, como mandava a Lei esperar pelos da circuncisão: *Dies octo, ut circumcideretur puer*.

CAPÍTULO 6

Ut circumcideretur puer vocatum est nomen ejus Jesus. Tanto que se circuncidou o Menino, logo se chamou Salvador. Mas com que conseqüência? – pergunta S. Bernardo: *Circumciditur puer et vocatur Jesus; quid sibi vult ista connexio?* Que parentesco tem o nome com a ação? Que combinação tem o salvar com o circuncidar-se? Três razões acho nos santos; duas repito, uma só pondero. S. Bernardo e Eusébio Emisseno, dizem que foi a circuncisão de Cristo: *Totius superfluitatis abjectio*: Uma estreita e mui reformada privação de todo o supérfluo. Vinha Cristo como Rei e Redentor do Mundo a remi-lo e restaurá-lo, e a primeira cousa que fez, como a mais necessária e importante, foi estreitar-se

em sua Pessoa, cercear demasias, cortar superfluidades e fazer uma pragmática geral com seu exemplo: *Totius superfluitatis abjectio*. Muitas graças sejam dadas a Deus, que para confirmação ou imitação desta grande razão de estado divina, não temos necessidade de cansar a memória, senão de abrir os olhos; não de resolver escrituras antigas, senão de venerar e amar exemplos presentes. Assim obra quem assim reina; assim sabe libertar quem assim sabe estreitar: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus*.

A segunda razão é de Santo Epifânio, e diz que foi: *Ut confirmaret circumcisionem, quam olim instituerat ejus adventui servientem*: “Que quis o Redentor confirmar desta maneira e honrar a circuncisão, pelo que antes da sua vinda tinha servido.” Bem advertido, mas muito melhor imitado. Parece que os decretos do Governo de Portugal e os decretos da Providência Divina correram parselhas (quanto pode ser) na sua e na nossa redenção. Decretou Deus que à circuncisão se lhe confirmassem suas antigas honras, havendo respeito ao bem que tinha servido: e o mesmo decreto se passou cá, e com muita razão: *Ut confirmaret circumcisionem ejus adventui servientem*. Tinha servido a circuncisão no tempo passado e na Lei Velha, pois honre-se no tempo presente e premeie-se na Lei Nova; que não é bem que a felicidade geral venha a ser infortúnio dos que serviram. Que a circuncisão, que tinha tantos anos de serviços, que a circuncisão, que tinha derramado tanto sangue, houvesse de ser desgraçada, porque o mundo foi venturoso, não estava isso posto em razão. Pois baixe um decreto que lhe confirme efetivamente todas as honras passadas: *Ut confirmaret circumcisionem, quam olim instituerat*; que é bem que a Lei da Graça *premeie* não só os serviços seus, senão os da Lei Antiga, para mostrar, nisso mesmo, que é Lei da Graça.

Oh! que grande política esta, assim humana, como divina! El-rei Assuero mandava ler as histórias e crônicas do reino, para fazer mercês aos que em tempo de seus antecessores tinham servido. El-rei Salomão sustentava de sua própria mesa aos filhos de Berzelai, por serviços feitos em tempo e à pessoa de David; e ó Rei dos reis, Cristo Redentor nosso, quando no Monte Tabor desembargou suas glórias (que também pode ser expediente estarem embargadas por algum tempo), repartiu-as a três que serviam e a dois que tinham servido; a S. Pedro, a S. João e a Santiago, porque atualmente serviam; e a Moisés e a Elias, um vivo e outro defunto, porque tinham servido em tempos passados. Assim recebe Cristo e autoriza hoje a circuncisão, conforme as honras do tempo antigo, não porque se quisesse servir dela, que já estava muito envelhecida e a queria aposentar, senão pelo bem que dantes tinha servido: *Ejus adventui servientem*.

A terceira e última razão é de Santo Ambrósio, de Santo Agostinho, de S. João Crisóstomo, de Santo Tomás e ainda de S. Paulo, ou quando menos fundada em sua doutrina, e é esta (alego tantos Doutores pela dificuldade da razão): *Ea*

ratione pro nobis circumcisisus est, ut circumcisionem auferret: “Recebeu Cristo a circuncisão, porque, como autor da Lei Nova, queria tirar do Mundo a circuncisão.” Estranha sentença! Pois porque Cristo queria tirar do Mundo a circuncisão, por isso recebe e executa em si a mesma circuncisão?! Antes parece que para a tirar do Mundo havia de entrar condenando-a, desterrando-a, proibindo-a sob graves penas, e não a admitindo por nenhum caso.

Pouco sabe das razões verdadeiras de estado quem assim discorre. Circuncida-se Cristo para tirar do Mundo a circuncisão, porque quem entra a introduzir uma lei nova, não pode tirar de repente os abusos da velha. Há de permitir com dissimulação para tirar com suavidade; há de deixar crescer o trigo com cizânia, para arrancar a cizânia, quando não faça mal às raízes do trigo. Todo o zelo é mal sofrido, mas o zelo português mais impaciente que todos. A qualquer relíquia dos males passados, a qualquer sombra das desigualdades antigas, já tomamos o céu com as mãos, porque não está tudo mudado, porque não está emendado tudo. Assim se muda um reino? Assim se emenda uma monarquia? Tantos entendimentos assim se endireitam? Tantas vontades tão diferentes assim se temperam? Rei era Cristo, e Rei Redentor, e nenhuma cousa trazia mais diante dos olhos, que extinguir os usos da Lei Velha e renovar e introduzir os preceitos da Nova; e com ter sabedoria infinita e braços onipotentes, ao cabo de trinta e três anos de reino, muitas cousas deixou como as achara, para que seu sucessor S. Pedro as emendasse. Já Cristo não estava vivo, quando se rasgou o véu do templo, figura da Lei Antiga. E que cousa se podia representar mais fácil, que romper um tafetá em trinta e três anos? Pouco e pouco se fazem as cousas grandes, e não há melhor arbítrio para as concluir com brevidade, que não as querer acabar de repente.

Instituiu Cristo, Redentor nosso, o sacramento da Eucaristia, e instituiu-o na mesma mesa em que estava o cordeiro legal. Pois, Senhor meu, que combinação é esta, ou que companhia? O cordeiro com o sacramento? As cerimônias da Lei Velha com os mistérios da Nova na mesma mesa?! – Sim, que assim era necessário que fosse, para que viesse a ser o que era necessário. Queria Cristo introduzir o sacramento e lançar fora o cordeiro da Lei, e para isso permitiu que o cordeiro estivesse embora na mesma mesa com o sacramento, que desta maneira se desterram com suavidade as sombras das leis velhas, e se vão introduzindo e conciliando os resplendores das novas. Estejam agora juntos o sacramento e o cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o sacramento. Com este vagar faz Deus as cousas, e assim quer que as façam os que estão em seu lugar (quando elas o sofrem); e tenha mais paciência o zelo, não seja tão estreito de coração. Mais dói aos reis que aos vassallos dissimular com algumas cousas; mas por força se hão de fazer assim, para se não fazerem por força. Muito lhe doeu a Cristo, gotas de sangue lhe custou contemporizar com a circuncisão; mas foi necessário dissimular com dor, para remediar mm sucesso. Não é o mesmo permitir que aprovar, antes o que se permite já se

supõe condenado. A benevolência e dissimulação, como são afetos da mesma cor, equivocam-se facilmente nas aparências; e quantas vezes se choraram ruínas, os que se invejaram favores! Vem a ser indústria no príncipe, o que é razão de estado no lavrador, que as espigas que há de cortar, essas abraça primeiro. Assim abraçou Cristo a circuncisão, porque a queria cortar e arrancar do Mundo: E a *ratione circumcisisus est, ut circumcisionem auferret*, mostrando na suavidade desta razão, e nas outras cousas por que se circuncidou, quão bem se proporcionava com os meios o nome que lhe puseram de Salvador: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus*.

Mas porque se chamou Salvador? Porque não tomou outro nome? Que o não tomasse de algum atributo de sua divindade, bem está, pois vinha a ser homem! mas ainda em quanto homem tinha Cristo a maior dignidade da terra, que era a de rei. Pois já que havia de tomar o nome do ofício e não da pessoa, porque não se chamou Rei, porque se chamou Salvador? – A razão deu-a Tertuliano: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis*: Deixou Cristo o nome de rei e tomou o de Salvador, porque “estimava mais o nome de piedade, que o título de majestade”. O nome de Rei era nome majestoso, o nome de Salvador era nome piedoso; o nome de Rei dizia imperar, o nome de Salvador dizia libertar; e fazendo o Senhor a eleição pela estimação, tomou o de nosso remédio, deixou o de sua grandeza. Por isso os anjos, na embaixada que deram aos pastores, puseram primeiro o nome de Salvador e depois o de Ungido: *Quia natus est vobis hodie Salvador, qui est Christus Dominus*. E por isso no título da cruz se chamou o Senhor Jesus Rei, e não Rei Jesus: *Jesus Nazarenus, Rex Judaeorum*; para mostrar no princípio e no fim da vida, que estimava mais o exercício de nossa liberdade, que a grandeza de sua majestade: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis*.

Se os corações puderam discorrer sensivelmente, quanto melhor falaram neste passo, do que os poderá copiar a língua? Isto que Tertuliano disse pelo primeiro Libertador do gênero humano, pudéramos nós dizer com ação de graças pelo segundo libertador de Portugal, o qual nesta felicíssima e verdadeiramente real arção mostrou bem quanto mais estimava o nome da piedade, que o título da majestade; pois convidado tantas vezes para a grandeza, rejeitou generosamente o cetro; e agora chamado para o remédio, aceitou animosamente a coroa: *Gratius illi erat pietatis nomen, quam majestatis*. Rei não por ambição de reinar, senão por compaixão de libertar; rei verdadeiramente imitador do Rei dos reis, que sobre todos os títulos de sua grandeza estimou o nome de Libertador e Salvador: *Vocatum est nomen ejus Jesus*.

CAPÍTULO 7

Acabou-se o Evangelho, e eu tenho acabado o sermão. Mas vejo que me estão caluniando e argüindo, porque não provei o que prometi. Prometi fazer neste sermão um juízo dos anos que vêm, e eu não fiz mais que referir os sucessos dos anos passados. Mostrei a razão das profecias, as dilacões da esperança, e oportunidade do tempo o acerto dos decretos, a propriedade e merecimento do nome, e tudo isto é história do que foi, e não prognóstico do que há de ser. Ora, ainda que o não pareça, eu me tenho desempenhado do que prometi, e todo este discurso foi um prognóstico certo e um juízo infalível dos anos que vêm Tudo o que disse, ou foram profecias cumpridas, ou benefícios manifestos da mão de Deus: e em profecias e benefícios começados, o mesmo é referir o passado, que prognosticar e segurar o futuro.

Partiu Cristo desterrado a Egito, e diz o Evangelista S. Mateus: *Ut impleretur, quod dictum est per prophetam: ex Aegypto vocavi Filium meum*: que aqui “se cumpriu a profecia do profeta Oséas, em que dizia Deus, que havia de chamar e tirar do Egito a seu Filho”.

Difícultoso lugar! Argumento assim: as profecias não se cumprem, senão quando sucedem as cousas profetizadas: Cristo não voltou do Egito senão daí a sete anos; logo, não se cumpriu então, nem se podia cumprir esta profecia de Oséas. Se dissera o Evangelista, que se cumpria a profecia de Isaías: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem et ingredietur Aegyptum*, claro estava; mas dizer, quando entrou no Egito, que então se cumpriu a profecia de quando saiu, que não foi senão daí a tantos anos, como pode ser? Reparo foi este de Ruperto Abade, o qual satisfaz à dúvida com uma razão mística; mas a literal, e que nos serve é esta: Como as profecias, quanto à evidência, se qualificam pelos efeitos, e na execução do que prometem têm a canonização de sua verdade; é conseqüência tão infalível cumpridas as primeiras profecias haverem-se de cumprir as segundas, que quando se mostra o cumprimento de umas, logo se podem dar por cumpridas as outras. Por isso o Evangelista, ainda discursando humanamente, quando viu que se cumpria a profecia de Cristo entrar no Egito, deu logo por cumprida também a profecia de haver de voltar para a pátria; e assim disse: *Ut impleretur quod dictum est per prophetam*: que então se cumpriu o que tinha profetizado Oséas, não quanto à execução, senão quanto à evidência; porque o cumprimento da profecia passada, era nova e certa profecia de se cumprir a futura; que se numa parte não faltou o efeito, como poderia faltar na outra? Muitas felicidades tem logo que ver Portugal nos anos seguintes e muitas lhe tenho eu prognosticado neste sermão; porque, como as mesmas profecias que prometeram o que vemos cumprido, prometem ainda outros maiores aumentos a este Reino ou a este Império, como elas dizem, o mesmo foi referir o desempenho felicíssimo das profecias passadas, que prognosticar, antes segurar com firmeza o cumprimento infalível das que estão por vir. Se as nossas profecias na parte mais difícil foram profecias, na parte mais fácil, que resta, porque o não serão?

Sete cousas profetizou o Anjo embaixador à Virgem Maria: *Ecce concipies in utero, et paries Filium, et vocabis nomen ejus Jesum. Hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus et regnabit in domo Jacob in aeternum, et regni ejus non erit finis*: que conceberia; que pariria um filho; que lhe poria por nome Jesus; que seria grande; que se chamaria Filho de Deus; que Deus lhe daria o trono de David seu Pai; que reinaria na casa de Jacob para sempre; e que seu Reino não teria fim. E destas sete profecias, vendo cumprida Santa Isabel só a primeira, pelos efeitos dela julgou que se haviam de cumprir todas as mais: *Quoniam perficientur ea, quae dicta sunt tibi a Domino*. O mesmo discurso fiz eu, e o devemos fazer todos os Portugueses, se não queremos ser hereges da boa razão e de uma fé mais que humana, dando todos o parabém a Portugal e chamando-lhe mil vezes feliz: *Quoniam perficientur et, quae dicta sunt tibi a Domino*. Por que como se começaram a cumprir as profecias em sua restauração, assim ás levará Deus por diante e lhes dará o cumprimento gloriosíssimo que elas prometam. Até agora era necessária pia afeição para dar fé às nossa; profecias mas já hoje basta o discurso e boa razão, por que os efeitos presentes das passadas são nova profecia dos futuros; bem assim como (para que até aqui nos não falte o Evangelho) a imposição do nome de Jesus que hoje chamaram a Cristo – *Vocatum est nomen ejus Jesus* – foi cumprimento do que estava profetizado e profecia do que estava por cumprir. Foi cumprimento do que estava profetizado, porque profetizado estava que se chamaria Jesus o Filho da Virgem: *Paries Filium et vocabis nomen ejus Jesum*. Foi profecia do que estava por cumprir, porque o nome de Jesus, que quer dizer Salvador, era profecia que havia de salvar Cristo e remir o gênero humano: *Vocabitur nomen ejus Jesus: ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis eorum*.

CAPÍTULO 8

Nos benefícios passa o mesmo. Muitos lugares pudera trazer; um só digo, que pela propriedade do nome tem privilégio de se preferir a todos. Nasceu S. João Baptista, e assentaram consigo os vizinhos daquelas montanhas, que havia de ser o menino pessoa notável e que esperavam grandes venturas em seus maiores anos: *Posuerunt in corde sua, dicentes: Quis, putas, puer iste erit?* Pois de onde o tiraram estes homens? Que fundamento tiveram para se resolverem tão assentadamente nas grandezas de João e em seus aumentos? – O fundamento que os moveu, eles mesmos o disseram ou o Evangelista por eles: *Quis putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo*. Viam os milagres, viam as maravilhas, viam as mercês extraordinárias que Deus com mão tão liberal fazia a João logo em seus princípios, e do *erat*, tiraram o *erit*; das experiências do que era, inferiam evidências do que havia de ser; porque aqueles benefícios de Deus presentes, eram prognósticos das felicidades

futuras: *Etenim manus Domini erat cum illo*. Assim como a quiromância humana, quando quer dizer a boa-ventura, olha para as mãos dos homens, assim a quiromância divina, a arte de adivinhar ao celeste, olha para as mãos de Deus, e como a mão de Deus estava tão liberal com João: *Etenim manus Domini erat cum illo*, na disposição destas primeiras liberalidades, como em caracteres expressos, estavam lendo a sucessão das futuras; e das grandezas maravilhosas que já eram, julgavam as que, correndo os anos, haviam de ser: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo*.

Ora grande simpatia tem a mão de Deus com o nome de João. Bem o mostrou o Senhor na feliz aclamação de Sua Majestade, que Deus nos guarde, como há de guardar muitos anos, pois aos ecos do nome de João, despregou da cruz o braço o mesmo Cristo, assegurando-nos que, assim como a mão de Deus estivera com o primeiro João da Judéia, assim estava e havia de estar sempre com o quarto de Portugal: *Etenim manus Dominis erat cum illo*. Bem experimentamos esta assistência nos sucessos que referi, e em todos os felicíssimos do ano passado, que em todas as cousas que Sua Majestade pôs a mão, pôs também a Divina a sua. E se estes ou semelhantes efeitos da mão de Deus foram bastantes prognósticos para uns montanheses rústicos, assaz claro foi o modo de prognosticar que segui, falando entre cortesãos tão entendidos. Nem aqui também nos faltou o Evangelho; porque, se nos confirmou a primeira razão com o mistério do nome de Jesus, agora nos prova a segunda com o da circuncisão, da qual dizem comumente os Doutores, que aquele pouco sangue que o Senhor derramou hoje no presépio, foi sinal e como penhor de haver de derramar todo na cruz; que, como Deus é liberal com onipotência e bom sem arrependimento, o mesmo é fazer um benefício menor, que penhorar-se a outros maiores. E se estes benefícios que da divina mão temos recebido, se podem chamar menores, os maiores quão grandes serão! Nem nos desconfiem estas esperanças os temores que propusemos ao princípio da variedade dos sucessos da guerra, da inconstância das felicidades do Mundo; porque só as felicidades que vêm por mão dos homens, são inconstantes; mas as que vêm por mão de Deus, são firmes, são permanentes. Quando Josué, à entrada da Terra de Promissão, venceu aquelas primeiras e milagrosas batalhas, mostrando os inimigos mortos aos soldados, lhes disse o que eu também digo a todos os Portugueses: – *Confortamini et estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris, adversum quos dimicatis*: Grande ânimo, valentes soldados, grande confiança, valorosos Portugueses, que assim como vencestes felizmente estes inimigos, assim haveis de vencer todos os demais; que, como são vitórias dadas por Deus, este pouco sangue que derramastes em fé de seu poderoso braço, é prognóstico certíssimo do muito que haveis que derramar vencedores; não digo sangue de católicos, que espero em Deus que se hão de desapaixonar muito cedo nossos competidores e que em vosso valor e em seu desengano hão de estudar a verdade de nossa justiça; mas sangue de hereges na Europa, sangue de mouros na África, sangue de gentios na Ásia e na América, vencendo e

sujeitando todas as partes do Mundo a um só império, para todas em uma coroa as meterem gloriosamente debaixo dos pés do sucessor de S. Pedro. Assim o contam as profecias, assim o prometem as esperanças, assim o confirmam estes felizes princípios, que a divina bondade se sirva de prosperar até os fins felicíssimos que desejamos, que são os com que remata um sermão deste dia S. Bernardo, cujas palavras tantas vezes têm sido profecias a Portugal: *Multiplicabitur sane ejus imperium, ut merito Salvator dicatur pro multitudine etiam salvandorum, et pacis non erit finis.*

Para que nossas orações comecem a obrigar a Deus, não peço três ave-marias, senão três petições do Padre nosso: *Sanctificetur nomen tuum; Adveniat regnum tuum; Fiat voluntas tua.* Santificado e glorificado seja, Senhor, vosso nome; porque ao nome santíssimo de Jesus, como o primeiro e principal Libertador, reconhecemos dever a liberdade que gozamos. *Adveniat regnum tuum:* “Venha a nós, Senhor, o vosso Reino”; vosso, porque vosso é o Reino de Portugal, que assim nos fizestes mercê de o dizer a seu primeiro fundador el-rei D. Afonso Henriques: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire:* E por isso mesmo *adveniat,* venha; porque como há de ser Portugal um tão grande Império posto que tem já vindo todo o Reino que era, ainda o Reino que há de ser não tem vindo todo. E para que nossas más correspondências não desmereçam tanto bem, *Fiat voluntas tua:* Fazei, Senhor, que façamos inteiramente vossa santa vontade; porque assim como, nos prognósticos humanos; para advertir sua contingência; se diz: Deus sobre tudo, assim eu neste divino, para assegurar sua certeza, digo também: Deus sobre tudo; porque se sobre tudo amarmos a Deus, cumprindo perfeitamente sua vontade, sem dúvida se inclinará o Senhor a ouvir e satisfazer os afetos da nossa, perpetuando a sucessão de nossas felicidades na perseverança de sua graça: *Quam mihi et vobis,* etc.



www.poeteiro.com

DADOS BIOGRÁFICOS

O HOMEM

Vieira foi um homem “multidimensional”: sacerdote, diplomata, articulador político, missionário, teólogo. Nada pareceu estar fora da área do seu interesse. A exemplo dos grandes escultores medievais esforçou-se para fazer da sua vida uma imensa catedral, “para o maior louvor de Deus”, suspensa com as pedras da palavra, a gramática da fé e a sintaxe da prática. Enquanto outros utilizavam tijolos e argamassa, rochas esculpidas e vitrais, Vieira fez uso de substantivos, verbos e silogismos. O resultado é um colosso erguido sobre 15 tomos de sermões, conformando-se com mais de três milhões de palavras-pedras. Vieira, o “homem-catedral”, tem várias portas. Resta escolher como penetrar em um prédio tão magnífico que é sua a obra escrita há mais de três séculos. Eis o “imperador da língua portuguesa” como disse Pessoa.

Vieira viaja com a família para a Bahia e será na colônia onde passará a maior parte de seus dias no Brasil (52 dos 89 dos que viveu) e onde adquirirá seus primeiros conhecimentos formais, no então Colégio dos Jesuítas em Salvador. No Brasil, manifestará sua vocação religiosa e em maio de 1623, então com 15 anos, professa o noviciado na Companhia de Jesus e em 1634 obtém o mestrado em Artes.

No ano de 1634 Vieira recebe as ordens Sacerdotais e já em 1635 é encarregado da cadeira de Teologia do Colégio Jesuíta. Em 1640 ocorre o fim da União das Coroas Ibéricas, e D. João IV é aclamado rei de Portugal. Sem ter chegado a tempo essa notícia ao Brasil, Vieira proclama o Sermão pelo Bom Sucesso das Armas, evocando e elogiando o Rei Felipe IV da Espanha. Quando chega a caravela anunciando a revolução libertadora e o novo rei, Vieira, certamente como todos os moradores e o vice-rei, fica confuso, mas adere sem titubeio à nova situação.

Em 1641, D. Fernando Mascarenhas, o Padre Antonio Vieira e o Padre Simão de Vasconcelos, são enviados a Lisboa a fim de jurar obediência ao novo rei português, pelo Marquês de Montalvão. Nesse mesmo ano quando da Invasão Holandesa de Salvador, Vieira refugiou-se no interior do Estado, onde iniciou a sua vocação missionária. Um ano depois tomou os votos de castidade, pobreza e obediência, abandonando o noviciado. Não partindo imediatamente para as missões, aprofundou seus estudos de Teologia, Lógica, Física, Metafísica, Matemática e Economia. Após a Restauração da Independência (1640). Em 1641, iniciou a carreira diplomática pois integrou a missão que veio a Portugal prestar

obediência ao novo monarca impondo-se pela força de sua retórica e personalidade.

Foi então nomeado pregador real. Seu primeiro sermão (“Sermão dos Bons Anos”), pregado em Lisboa, no dia 1º de Janeiro de 1642, foi um sucesso absoluto. A partir daí, a disputa de lugares na igreja se tornou corrente a expressão “mandar lançar madrugada em São Roque”, devido ao ineditismo dos temas, o arrojo da abordagem e a clareza de seus conceitos. Em 1646 foi enviado à Holanda, no ano seguinte à França, com encargos diplomáticos com o objetivo de negociar junto aos Países Baixos a devolução do Nordeste. Esse episódio deixará duas marcas em sua história: o epíteto de “Judas do Brasil”, por ter sugerido que Portugal entregasse a colônia em troca de capitânias na África e o contato com os primeiros judeus, cristãos-novos, de quem se tornará um defensor e por quem será condenado pela Inquisição posteriormente.

Suas idéias pró-judeus não agradaram muito às elites e ao povo português. Após alguns conflitos acabou voltando ao Brasil e entre 1652 e 1661, atuou como missionário no Maranhão e no Grão-Pará, passando então à defesa enérgica da liberdade dos índios. Com a morte de D. João IV, seu amigo e protetor, voltou tornando-se confessor da Regente, D. Luísa de Gusmão. Com a morte de D. Afonso VI, Vieira não encontrou mais apoio nas cortes lusitanas.

Seu último período de atuação pública foi marcado pelas idéias utópicas (as profecias sebásticas e o Quinto Império) que fez com que entrasse em um perigoso conflito com a Inquisição. Com base em uma de suas cartas dirigidas ao bispo do Japão, em 1659, na qual expunha sua teoria do Quinto Império, segundo a qual Portugal estaria predestinado a ser a cabeça de um grande império do futuro, foi acusado de heresia e obrigado a comparecer ao Tribunal da Santa Inquisição.

É então expulso de Lisboa, desterrado e encarcerado no Porto e depois encarcerado em Coimbra, enquanto os jesuítas perdiam seus privilégios. Como consequência de sua defesa da causa indígena foi quase linchado e expulso pelos colonos do Brasil em 1661. Em 1667 foi condenado a internamento e proibido de pregar, mas seis meses depois, a pena foi anulada. Após voltar de Roma em 1671 passou a combater a influência da Inquisição e a união com os cristãos-novos que estavam sofrendo perseguição, mas não conseguiu persuadir a corte dessa vez.

Desiludido com a política palaciana decidiu voltar outra vez para o Brasil, em 1681. Sua partida de Portugal foi acompanhada de grande júbilo, tendo sido realizado inclusive um “auto de fé” em sua homenagem em que um boneco vestido com os trajes jesuítas foi queimado com gritos de: “Vieira, vendido aos judeus e quiçá judeu também ele!”

Em 1688 foi nomeado, então com 80 anos, visitador da Companhia no Brasil, cargo que cumprirá com dificuldades e determinação até 1691. Já velho e doente sofrendo as conseqüências de um intensa militância e de vários anos no cárcere afasta-se da vida pública, dedicou-se à tarefa de continuar a escrever suas obras, visando a edição completa em 15 volumes dos seus Sermões, iniciada em 1679, e a conclusão da *Clavis Prophetarum*, obra que considerava a mais importante de sua carreira. Em 1694, após cair de uma escada, perde a capacidade de escrever de seu próprio punho e em 10 de junho começou sentir a chegada da morte. Em 18 de julho de 1697, perdeu a voz, silenciaram-se seus discursos. Morria Vieira aos 89 anos de idade. Eis a história do homem Antonio Vieira, padre jesuíta do século XVII.

Fonte:

Rodson Ricardo Souza do Nascimento: "O púlpito como cátedra: retórica e educação nos sermões do Pe. Antônio Vieira: 1608-1697". (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. José Willington Germano). Natal, 2007.